internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

EUA propõem elevar taxas do açúcar e aeronaves do Brasil

Medidas têm como objetivo trazer o País à mesa de negociações

/ RELAÇÕES COMERCIAIS

FRANCIS CHUNG/AFP/JC



Apesar das conversas, EUA e Brasil seguem distantes, apontou Greer

O representante comercial dos Estados Unidos, Jamieson Greer, anunciou ontem a abertura de uma consulta pública sobre a proposta de elevar as tarifas de importação sobre o açúcar e impor uma taxa adicional de 10% sobre aeronaves acabadas produzidas no Brasil, no âmbito da Seção 301 da Lei de Comércio de 1974.

"Após mais de um ano de conversas, o Brasil não fez nenhum progresso significativo para enfrentar as práticas comerciais prejudiciais que comprometem a competitividade dos agricultores, trabalhadores, inovadores e empresas americanas", afirmou Greer.

Segundo o representante comercial, as medidas têm como objetivo ampliar a pressão sobre o governo brasileiro e trazer o País à mesa de negociações. Greer ressaltou que Washington permanece aberto à continuidade das tratativas comerciais com Brasília.

Em documento previsto para publicação no Federal Register, o diário oficial dos EUA, o Escritório do Representante Comercial dos EUA (USTR) detalhou a proposta de substituir a tarifa de 25% da Seção 301 sobre determinados tipos de açúcar brasileiro fora das cotas por taxas adicionais de US$ 0,44 por quilo (kg) de açúcar bruto de cana e de US$ 0,60 por quilo de açúcar bruto de beterraba ou refinado.

As novas taxas seriam aplicadas independentemente do país de origem, para evitar que exportadores brasileiros passem a abastecer mercados atendidos por outros países produtores, o que reduziria a eficácia das medidas americanas. O USTR destacou que o Brasil é líder mundial na produção e exportação de açúcar.

Já a proposta relativa às aeronaves prevê a revogação da atual isenção tarifária no âmbito da Seção 301, em uma medida que afetaria a Embraer. Segundo o USTR, o Brasil é o principal exportador de aeronaves regionais para os EUA, e aeronaves acabadas constituem o quarto maior produto de exportação brasileiro para o mercado americano.

O USTR reconheceu que Brasil e EUA inicialmente se envolveram de forma "construtiva" nas negociações comerciais, com avanços ao longo de diversas reuniões em 2025 e 2026. Contudo, segundo o órgão, as discussões não progrediram desde 20 de julho.

O documento cita ainda as iniciativas do governo brasileiro para elaborar contramedidas com base na Lei de Reciprocidade Econômica, além do pedido de estabelecimento de um painel na Organização Mundial do Comércio (OMC) para contestar as medidas. A consulta pública também avaliará a possibilidade de imposição de tarifas sobre outros produtos. Os interessados terão entre 27 de novembro e 30 de dezembro para apresentar contribuições por escrito. Uma audiência pública está marcada para 14 de janeiro de 2027.

A Câmara Americana de Comércio no Brasil (Amcham Brasil) disse ver "com preocupação" a possibilidade de ampliação das tarifas, em um contexto já desafiador para o comércio bilateral.

Papa Francisco relata encontros com Diabo em diário publicado

/ VATICANO

Em janeiro de 2021, o papa Francisco escreveu em seu diário que o Diabo havia se apresentado fisicamente a ele em três episódios ao longo da vida. Uma das vezes, quando era arcebispo de Buenos Aires, foi em uma capela, durante uma celebração. "Ele tentou se aproximar e eu escapei apertando o rosário e pedindo à Virgem", anotou. "Não eram situações ou tentações comprometedoras, mas uma presença fascinante que convidava a curiosidade."

Os comentários fazem parte do "Diário Pessoal do Papa Francisco" (tradução livre do italiano), livro lançado nesta terça-feira, na Itália, pela editora Libreria Editrice Vaticana. A versão brasileira está prevista para ser publicada em 2027 pela Companhia das Letras.

Com 160 páginas, escrito em uma agenda de capa de couro usada como caderno, o diário começa em 1992, quando Francisco ainda era Jorge Mario Bergoglio e bispo auxiliar de Buenos Aires. Segue pelo período em que foi cardeal-arcebispo da capital argentina e, por fim, papa. A última anotação é de 18 de agosto de 2024, 246 dias antes do falecimento do pontífice, em 21 de abril de 2025.

As anotações foram organizadas no livro pelo cardeal Víctor Manuel Fernández, prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé. Argentino como Bergoglio, foi um colaborador próximo do papa. O cardeal soube por Francisco da existência do diário e, após a morte dele, pediu autorização para o papa Leão XIV para ter acesso às anotações

Entre hábitos e lembranças da mãe, Francisco comentou sobre momentos em que sentiu medo, cansaço, dificuldades para aceitar o envelhecimento e a proximidade da morte. Pelo o que está publicado, são poucos comentários sobre fatos marcantes mundiais ou acontecimentos que se referem ao Vaticano. Tanto a demissão de seu antecessor, Bento XVI, quanto a sua eleição aparecem no livro em uma linha. "Em 13 de março me elegeram papa", escreveu em 21 de julho daquele ano.

Invasões russas fazem Polônia criar zona de exclusão aérea

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Um dia após acusar a Rússia de invadir de forma intencional seu espaço aéreo com um drone de vigilância, a Polônia anunciou ontem que irá criar uma zona de exclusão para voos ao longo de sua fronteira leste. A informação foi dada por um dos ministros-adjuntos da Defesa do país, Cezary Tomczyk. "Será uma zona limitada, algo entre um pouco mais de uma dúzia de quilômetros a várias dúzias", afirmou ele, que pediu que outros países da Otan façam o mesmo no Leste Europeu.

Hoje, há restrições junto aos 530 km de fronteira entre a Polônia e a Ucrânia em guerra com os russos e aos 420 km que separam o território polonês do de Belarus, aliada de Vladimir Putin. Salvo algumas exceções, não se pode operar aviões à noite e, durante o dia, a altura máxima de 3 km - aeronaves comerciais costumam operar a 11 km na fase de cruzeiro da viagem.

O chefe de Tomczyk, o ministro Radoslaw Sikorski, fez um apelo aos outros 31 membros da aliança militar ocidental para haver uma resolução determinando o abate de drones e mísseis russos que se dirijam a países do grupo ainda sobre o território da Ucrânia.

Na visão de Moscou, isso seria lido como a entrada da aliança no conflito, o que deve demover a Otan de aceitar a proposta da Polônia, país pioneiro no rearmamento acelerado que se vê hoje na Europa devido à conjunção de percepção de risco russo e do desengajamento gradual dos EUA de Donald Trump da defesa continental.

Com efeito, os americanos estão adiando o estabelecimento de uma nova base no país para 5.000 soldados. Até o ano passado, havia 10 mil militares americanos na Polônia, mas o número caiu a 6.000 agora. O movimento da Polônia ocorre após três mísseis de cruzeiro russos terem caído em seu território no fim de semana, aparentemente desviados de um ataque maior na Ucrânia. Na segunda-feira, houve a intrusão com um drone de vigilância. A Rússia não comentou os episódios, mas vem mantendo a posição de negar intencionalidade. No ano passado, contudo, enviou diretamente para a Polônia nada menos que 21 drones, num teste audacioso das defesas do rival.

China rebate Trump sobre ameaça de nova tarifa

A China contestou os motivos que podem levar os EUA a anunciar novas tarifas contra o país, a União Europeia e mais 14 nações ainda nesta semana. Ontem, o The Wall Street Journal e outros veículos divulgaram que o governo Donald Trump deverá impor sobretaxas a quem concedia subsídios para indústrias, o que geraria excesso de produção e reduziria os preços. Segundo as publicações, a China sofreria a maior sanção entre todos os punidos.

O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Guo Jiakun, afirmou que as alegações constituíam uma "premissa falsa" e um "pretexto para manipulação política". Ele disse que as duas maiores economias do mundo, que em 2025 chegaram a uma frágil trégua em sua guerra comercial, "deveriam resolver as questões pertinentes por meio de consultas. Guerras tarifárias e comerciais não são do interesse de ninguém", comentou.

"China e EUA devem trabalhar juntos para implementar de forma eficaz o importante consenso alcançado pelos dois chefes de Estado e preservar o desenvolvimento estável das relações econômicas e comerciais entre os dois países", afirmou. As ameaças ocorrem dias após o encontro entre Trump e Xi Jinping, líder da China, durante a Apec (Cooperação Ásia-Pacífico), que contou também com a presença de Vladimir Putin, presidente da Rússia, sendo a primeira vez que o trio se reuniu na história. Na ocasião, eles assinaram uma declaração conjunta pela "paz mundial" e debateram sobre a regulação da Inteligência Artificial.

Trump critica há muito tempo o enorme superávit comercial da China com os EUA, ao qual atribui o declínio da capacidade industrial e dos empregos no país. No início de seu segundo mandato, o republicano impôs novas tarifas sobre produtos chineses, desencadeando uma escalada de retaliações a Pequim que, em determinado momento, fez as alíquotas chegarem a 145%.